

Revista de Ensino de Geografia

ISSN 2179-4510

www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ARTIGO

ATIVIDADES COM FOTOGRAFIAS PARA DINAMIZAR O ENSINO DE GEOGRAFIA

Alcimar Paulo Freisleben¹

Nestor André Kaercher²

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre como as atividades com fotografias podem auxiliar no ensino de Geografia. Em 2018, na pesquisa de campo para tese de doutorado, desenvolvemos atividades de análise de fotografias (dos livros didáticos de Geografia, da internet e feitas pelos alunos) buscando compreender como elas poderiam estimular o aluno à reflexão sobre as dinâmicas e processos que moldam o espaço urbano. As atividades foram feitas com 55 estudantes da rede pública de ensino do estado do Paraná (Ensino Médio e Universitário). As fotografias são um importante recurso para o professor na construção dos conceitos geográficos, possibilitando aos alunos serem atores da transformação social na escola e no espaço geográfico de suas cidades. Portanto é imprescindível que o professor de Geografia aproxime o aluno de abordagens didáticas que utilizem fotografias, para que a curiosidade e a reflexão possam se manifestar e se transformarem em conhecimento geográfico.

Palavras-chave: Fotografia. Livro Didático. Espaço Urbano. Ensino de Geografia.

1 INTRODUÇÃO

Em um tempo marcado pela velocidade das informações e pela grande circulação de imagens, a escola tem sido convocada a rever suas práticas e seus objetivos. Entendemos que a sociedade contemporânea mobiliza novas dinâmicas sociais no espaço urbano, já que

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre e Licenciado em Geografia pela UNIOESTE campus Francisco Beltrão. E-mail: uttamadesign@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia e da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: nestorandrek@gmail.com

atualmente grande parte da população se concentra nas cidades, local onde estabelecemos nossas relações sociais, como de amizade, familiar, cultural etc., e também novos processos de aprendizagem, sobretudo, aqueles mediados pelas fotografias encontradas nos Livros Didáticos (LD's).

A fotografia não substitui textos ou outras fontes de informação do livro didático de Geografia (LDG), mas complementa ou é complementada por estas fontes, na busca da verdade que pretende se estabelecer. Por esta razão a leitura do espaço através da fotografia deve ser feita numa perspectiva problematizadora onde prevaleçam questionamentos sob diferentes pontos de vista, de modo a facilitar as múltiplas interpretações pelos alunos.

Ler o espaço urbano através de uma fotografia consiste em observar, descrever, analisar e interpretar suas diferentes expressões atribuindo significados aos diversos elementos que a compõem. Tonini (2003) nos alerta que as imagens e os discursos difundidos tratam de diferentes posições sobre as dimensões físicas, sociais, econômicas e culturais.

A disseminação dessas infografias atua no imaginário dos alunos favorecendo determinados interesses e espacialidades geográficas (em detrimento de outras), produzindo significados específicos e estereotipados, legitimando uma ordem estática sem referência às mudanças, alteração de funções, ignorando a instabilidade histórica e as contradições sociais (p. 16).

Mas como as imagens do espaço urbano são construídas pelos alunos? São construídas pelas práticas sócio-espaciais cotidianas dos alunos, que produzem seu modo de vida, seus desejos e valores. Pela busca ao direito à cidade, a um espaço/lugar em que ele se identifique. “Os alunos inseridos em seus contextos socioculturais, com suas interações, criam e produzem suas próprias culturas. Assim no seu cotidiano, estabelecem formas próprias de ler e explicar o espaço, sendo sujeitos geográficos” (THEVES, 2018, p. 70).

As imagens que cada um cria da cidade sofrem a influência de vários agentes do espaço, como a mídia, os gestores, os planejadores, os agentes imobiliários e a própria população que se utiliza desse espaço. O aluno como sujeito integrante na construção de práticas espaciais da cidade também possui uma relação com os espaços de seu convívio cotidiano e é na escola, principalmente nas aulas de Geografia, que ele vai compreendendo melhor esta relação (muitas vezes subjetiva/sentimental) com sua cidade.

Assim, a linguagem visual, como é a fotografia, impacta diretamente na emotividade do aluno. Isso significa que os signos, antes de adquirirem um significado racional, penetram na mente de uma forma muito mais direta. O aprendizado de conceitos, a crítica racional e a reflexão sobre o significado de uma imagem não se realizam exclusivamente através de meios

racionais ou lógicos. É um processo que além de subjetivo, está em permanente construção/reconstrução.

Os seres humanos, através de sua forma de se organizar em determinados territórios, de influenciar determinados espaços, de usufruir de lugares específicos, de deslocar e viver na cidade, vão formando sua imagem da cidade e construindo a partir daí sua prática espacial, conforme Santos (2007). As imagens da cidade são construídas pelas ideologias dominantes (Estado, publicidade), pela internet e também pelas fotografias (impressas e digitais) nos diversos materiais que utilizamos cotidianamente, inclusive naqueles didáticos (LD's).

Os estudantes e os professores cada vez mais precisam compreender estes elementos e as linguagens que constroem nosso olhar e nossa visão de mundo. Para isso existem várias atividades com fotografias que podem ser desenvolvidas com os alunos nas aulas de Geografia. A que desenvolvemos seguiu um roteiro previamente elaborado com objetivos definidos. A atividade tinha como proposta que o aluno fizesse uma análise de caráter comparativo das fotografias do espaço urbano brasileiro.

2 ENTENDENDO A FOTOGRAFIA ATRAVÉS DAS ATIVIDADES

Analizar um espaço geográfico através de uma imagem fotográfica consiste em procurar fazer relações dos elementos identificados entre si, ou no seu conjunto, relacionando-os com conhecimentos geográficos anteriores. A análise tem por objetivo dar sentido aos elementos presentes na fotografia ou encontrar explicações (e soluções) para o arranjo espacial ali retratado, e pode ser feita a partir da observação destes elementos do espaço urbano, sejam eles naturais (relevo, cobertura vegetal e hidrografia) e outros construídos pela ação humana (cidades, estradas, praças etc.).

Analizar o espaço urbano por diferentes olhares possibilita o desenvolvimento do senso crítico ao reconhecer os diferentes interesses manifestados sobre o mesmo espaço. A partir do levantamento dos diferentes pontos de vista é possível encaminhar discussões que procurem explicar o porquê daquele espaço urbano ter ou não sofrido intervenção humana, quem são os agentes modificadores e quais os interesses em jogo.

A cidade é, neste sentido, “o campo da experiência moderna por excelência, espaço onde o sujeito encontra os estímulos que provocam à sua cognição de maneira ininterrupta. É lugar de entorpecimento, tanto quanto de possibilidade de revelação” (COSTA, 2010, p. 76).

Para dinamizar o ensino de Geografia podemos usar atividades interativas que utilizam a fotografia. A que preparamos foi a *Atividade de Leitura do Espaço Urbano através da Fotografia*. Foi realizada em 2018, com 55 estudantes: 16 alunos do 2º ano do Ensino Médio, período da tarde, do Colégio Estadual Mario de Andrade (CEMA) de Francisco Beltrão/PR; 23 acadêmicos, do 3º ano do curso de Licenciatura em Geografia (curso noturno) e 16 acadêmicos, do 4º ano do curso de Pedagogia (curso matutino), ambos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus Francisco Beltrão/PR.

A metodologia utilizada foi a seguinte: a atividade foi dividida em duas partes:

- Parte 1 - *Leitura do Espaço Urbano através da Fotografia – comparando fotografias de espaços urbanos diferentes;*
- Parte 2 - *Leitura do Espaço Urbano através da Fotografia – comparando fotografias do mesmo espaço urbano de épocas diferentes.*

Nessa atividade foram utilizadas fotografias do LDG, da internet e feitas pelos alunos, seguidas de um questionário com duas perguntas cada parte da atividade.

A Parte 1 se desdobrou em dois momentos. No primeiro encontro o pesquisador se apresentou e explicou como se desenvolveria a atividade, por meio de uma aula de 45 minutos no multimídia, com exemplos de fotografias do LDG e feitas pelo pesquisador. Após esta exposição o aluno deveria escolher e fotografar com o celular uma fotografia do espaço urbano brasileiro do LDG (Figura 1). Posteriormente deveria fazer uma fotografia do espaço urbano da sua cidade, com a mesma temática da fotografia escolhida do LDG (Figura 2), identificando-a (local, cidade, data) e enviar as duas fotos para o email do pesquisador.



Figuras 1 e 2: Fotografias de famílias em favela de São Paulo, no livro didático de geografia; e no bairro Padre Ulrico, em Francisco Beltrão-PR, feita pelo pesquisador. Fotos: Juca Martins/Pulsar Imagens; e Alcimar Paulo Freisleben. Fontes: *Geografia: a América*, 1º grau 1984; e acervo pessoal.

No segundo encontro (na semana seguinte), após o pesquisador ter feito a impressão e colado as fotografias no questionário, os alunos analisaram comparativamente as duas fotos, respondendo as seguintes perguntas do questionário:

1. Aponte os problemas e sugira soluções para estes locais fotografados.
2. Fotos do LDG ajudam no aprendizado da Geografia? Por quê?

A Parte 2 da atividade seguiu a mesma dinâmica - mas com fotos antigas e fotos feitas pelos alunos, (Figuras 3 e 4), e também se dividiu em dois momentos:

No primeiro encontro o aluno deveria escolher uma foto antiga da sua cidade ou de um local dela (praça, igreja, rio etc.) baixada da Internet e arquivá-la no seu celular. Para aqueles alunos que não possuíam computador e nem internet em casa, foram disponibilizadas fotografias feitas pelo pesquisador. As fotos deveriam ter a mesma temática daquelas escolhidas do LDG, na primeira parte da atividade. Posteriormente o aluno deveria fazer uma foto do mesmo local, ou com a mesma temática da foto antiga, identificá-las e enviá-las por email ao pesquisador.



Figuras 3 e 4: Fotografias da Praça Eduardo Virmond Suplicy, Francisco Beltrão-PR, meados de 1970 e 2018. Fotos: Paraná Cart e Freisleben. Fontes: Paraná Cart; e acervo pessoal.

No segundo encontro os alunos analisaram comparativamente as duas fotografias, respondendo as seguintes questões:

1. Que transformações aconteceram, o que mudou, o que permanece igual, por quê?
2. Aponte os problemas e sugira soluções para estes locais fotografados.

A partir de atividades didáticas com fotografia e texto (respostas do questionário), buscamos favorecer a reflexão sobre o espaço urbano em que vivemos e possíveis soluções para seus problemas.

3 ATIVIDADES COM OS ALUNOS UTILIZANDO FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO URBANO BRASILEIRO

Na sequência analisaremos algumas respostas da primeira parte da **atividade**. Para seleção dessas respostas usamos como critério a originalidade das mesmas, selecionando aquelas que mais chamaram a atenção por saírem do senso comum. Começamos com a questão: **Aponte os**

problemas e sugira soluções para estes locais fotografados. Essa questão buscava que o aluno refletisse sobre os problemas destes espaços urbanos retratados, ou daqueles de sua cidade e também apontasse alguma possível solução. Os alunos não tiveram dificuldades em encontrar os problemas urbanos, pois estão bem explícitos nas fotografias, conforme foi organizado na Tabela 1.

Tabela 1: Principais problemas apontados a partir das fotografias nas Figuras 1 e 2.

Problemas	Alunos:	EM ¹	LGEO ²	PED ³
Habitações precárias		5	8	5
Pobreza		4	5	3
Violência		2	3	2
Poluição		2	2	1
Trânsito caótico		2	2	1
Enchente, desmoronamento		1	1	2
Especulação imobiliária		-	1	1
Outros (transporte, solo impermeabilizado)		-	1	1
Total	(55)	16	23	16

¹ Ensino Médio. ² Licenciatura em Geografia. ³ Pedagogia.

Fonte: pesquisa direta.

Apontar soluções para estes locais é uma tarefa mais difícil, mas vale aqui o exercício de se pensar alguma nova possibilidade para os inúmeros problemas do nosso espaço urbano.

Na Tabela 2 organizamos as soluções sugeridas pelos alunos.

Tabela 2: Possíveis soluções para problemas dos locais nas Figuras 1 e 2.

Soluções	Alunos:	EM	LGEO	PED
Educação		4	8	6
Financiar terrenos a preços populares		3	2	2
Emprego		3	3	2
Diminuição da poluição		2	1	1
Remover os moradores de áreas de risco		2	2	1
Políticas públicas		-	3	1
Transporte público de qualidade		-	1	1
Obras contra enchentes/desmoronamento		1	1	1
Leis ambientais mais duras/fiscalização		1	1	1
Outras (reflorestamento, planejamento urbano)		-	1	1
Total (55)		16	23	16

Fonte: pesquisa direta.

Muitos alunos escolheram fotos (no LDG) de espaços com diversos tipos de precariedades e pouca infraestrutura, principalmente de favelas ou áreas de risco.

Para a aluna Simony, que analisou fotos de uma favela em Belo Horizonte e de um bairro de classe baixa, na periferia de Ampére/PR (fotografias nas Figuras 5 e 6), por ser uma

favela (em Belo Horizonte) em uma área de risco de desmoronamento/deslizamento, “*uma solução seria deslocar esses moradores para bairros construídos e financiados pelo governo, ou até pagos pelos moradores a preços baixos*”. A solução pode ser plausível, mas considerando o tamanho da empreitada, o custo de tal deslocamento de milhares de pessoas e a inércia dos governos, a própria aluna se dá conta que é mínima a possibilidade de isso acontecer: “*mas sei que é uma realidade difícil de ser concretizada*”.



Figuras 5 e 6: Poluição em São Paulo, 2011; e Centro de Francisco Beltrão-PR, 2018. Fotos: Maurício Simonetti/Stock e Andher. Fontes: *Geografia 7^a série*, 2017; e arquivo pessoal.

Também o aluno Vitor, do Ensino Médio, acredita que as soluções devem vir do poder público: “*se partir só dos moradores, a solução para o problema das favelas é praticamente impossível*”. Acreditamos que a busca por soluções ou melhorias na questão habitacional brasileira deve ser feita com pressão política, através de movimentos sociais organizados.

Outro grupo de alunos analisou fotografias que mostravam espaços urbanos degradados ambientalmente (cidades sem arborização, rios poluídos e sem mata ciliar, poluição do ar etc.). As respostas evocaram maior fiscalização, multas e mais iniciativas da parte das prefeituras, reflorestando e preservando as árvores, como acredita Andher, aluno da Licenciatura em Geografia, analisando uma fotografia da poluição de São Paulo e outra de sua cidade: “*São Paulo deveria seguir o exemplo de Beltrão, que é uma cidade com muitas árvores, com menos carros e fábricas. Aqui a poluição do ar quase não existe, o céu é sempre azul*”.

A próxima pergunta da Parte 1 da atividade era a seguinte: **Fotografias dos Livros Didáticos de Geografia ajudam no aprendizado da Geografia? Por quê?**

Para praticamente a maioria dos alunos as fotografias ajudam no aprendizado dos conteúdos da Geografia. Para alguns alunos uma referência visual é mais eficiente para o aprendizado do que somente um texto, como esclarecem os alunos do Ensino Médio. Segundo

Sílvia: “ajudam muito, porque uma foto é uma ilustração e geralmente as pessoas aprendem melhor e mais rápido, quando tem o contato visual com o conteúdo que estão estudando”. Para Érico elas também ajudam: “pois além da explicação do texto, exemplos visuais ajudam no aprendizado, pois existem alunos que aprendem melhor vendo do que apenas lendo”. Edu também concorda: “porque as fotografias ajudam a visualizar o local estudado, fazendo com que se tenha mais atenção e dedicação á aula. Se fosse só texto, o aluno só poderia imaginar o local”.

Como já visto anteriormente, para um LDG ser atrativo e eficiente ele deve ter um equilíbrio entre a quantidade de texto e imagens. Onde o conteúdo escrito explica o que está representado na fotografia e a fotografia ilustra o conteúdo do texto, um complementando o outro, como demonstram algumas respostas dos universitários.

Para Lana, elas ajudam, “pois permitem que o aluno possa relacionar o conteúdo com a fotografia, facilitando a sua compreensão”. Bernardo também concorda por que: “o texto tem seus limites na Geografia, já através de uma fotografia o aluno consegue desenvolver diversos aspectos e perspectivas diferentes dos locais e do espaço geográfico [...]”.

E conforme Jane: “porque os alunos conseguem realmente visualizar o conteúdo e entender os conceitos geográficos de modo menos abstrato”.

Na Tabela 3 sintetizamos as principais respostas dos alunos.

Tabela 3: Porque as fotos dos LDG’s ajudam no aprendizado da Geografia.

Explicação	Alunos:	EM	LGEO	PED
Comunicam mais facilmente/diretamente		5	7	4
São mais atrativas que o texto		4	5	4
Ilustram o texto		3	2	2
São exemplos visuais		2	-	1
Facilitam a compreensão dos conceitos geográficos		-	6	2
Permitem o aluno fazer uma relação com o conteúdo		1	2	2
Outras (complementam o conhecimento, permitem conhecermos lugares distantes)		1	-	1
Total (54*)		16	22	16

*Obs: 1 aluno não acredita que as fotografias dos LDG’s ajudem no aprendizado da Geografia.

Fonte: pesquisa direta.

Como mostra a tabela, quase todos os alunos (54), concordam que as fotografias dos LDG’s de alguma forma ajudam no aprendizado de Geografia. Somente Gilbert, da Licenciatura em Geografia, não acredita que ajudem: “porque tratam superficialmente dos problemas, são fotos de cidades grandes e muitas vezes fora do Brasil”.

As fotos analisadas foram de São Paulo e Francisco Beltrão, na sequência:



Figuras 7 e 8: Poluição em São Paulo, 2011; e Centro de Francisco Beltrão-PR, 2018.
Fotos: Mauricio Simonetti/Stock e Gilbert. Fontes: *Geografia 7^a série – 2017*; e arquivo pessoal.

O fato das fotografias do LDG serem somente de cidades grandes e de lugares fora do Brasil depende muito do autor, da editora, da série a que o livro se destina e dos temas abordados. A maioria das fotos ainda é de cidades maiores, mas fotos de cidades menores também são usadas nos LDG's.

E sobre as fotografias do LDG não ajudarem no aprendizado da Geografia, este trabalho mostra que é justamente ao contrário: as fotografias do LDG são sim um recurso didático importante no ensino de Geografia. Mas algumas vezes as fotografias nesses materiais didáticos não conseguem aprofundar uma determinada temática, talvez porque o LDG trata de muitos temas, que são vistos rapidamente. É tarefa do professor de Geografia complementar a aula com outros materiais didáticos e com novas metodologias (como as que utilizam a fotografia). Extrair destas imagens fotográficas os sentidos ocultos e engessados de um documento do real, de uma representação fidedigna, buscar ressignificar as fotografias presentes nos LDG's, submeter estas fotografias à reflexão e análise dentro das aulas de Geografia é função do professor. Para Kaercher (2013):

Estamos acostumados a reclamar das ausências e lacunas dos livros didáticos [...]. Sabemos ser impossível um livro dar conta de todo conteúdo. O protagonismo é do professor. É ele que precisa selecionar os conteúdos, sempre tão vastos e interessantes. Também a metodologia, as perguntas, as maneiras de abordar o assunto caberá ao professor escolher e propor (p. 19).

Também é fundamental que estas fotografias do LDG sejam contextualizadas num espaço/tempo. Sem esta contextualização dificilmente o aluno conseguirá perceber os conflitos, as contradições econômicas, sociais, ambientais e políticas presentes na sociedade atual, principalmente no espaço urbano do nosso país.

Na sequência analisaremos as questões e as respostas da Parte 2 da **Atividade**. Lembrando que a Parte 2 seguiu a mesma metodologia da primeira (mas agora com fotos antigas e fotos feitas pelos alunos). No primeiro encontro desta segunda parte, o aluno

escolheu uma foto antiga da sua cidade ou de um local dela (praça, igreja, rio etc.), baixada da Internet e arquivou no celular. Estas fotografias deveriam ter a mesma temática daquelas escolhidas do LDG, na primeira parte da Atividade. Posteriormente os alunos fizeram fotos do mesmo local, ou com a mesma temática da foto antiga, as quais no encontro seguinte foram impressas, coladas no questionário e analisadas pelos alunos.

A primeira questão buscava saber o seguinte: **Que transformações aconteceram, o que mudou, o que permanece igual, por quê?**

Para Allan, aluno do Ensino Médio, que analisou as fotografias nas Figuras 9 e 10, “*Uma foto de 1960 e uma de 2018. Mostram duas áreas em Francisco Beltrão. O Quartel com o Morro do Calvário. Em uma foto o morro está desmatado e na outra reflorestado*”.



Figuras 9 e 10: Quartel e Morro do Calvário, Francisco Beltrão-PR, anos 1960 e 2018. Fotos: Quartel/16^a Esq. de Cav. Mecanizado; e Allan. Fontes: Internet; e arquivo pessoal

O aluno Luiz, do 3º ano da Licenciatura em Geografia, analisou as fotografias nas Figuras 11 e 12: “*2012 e 2018. A foto mais antiga mostra uma grande enchente no Rio Marrecas em Beltrão. A foto recente mostra o mesmo rio, mas com o curso de água normal*”.



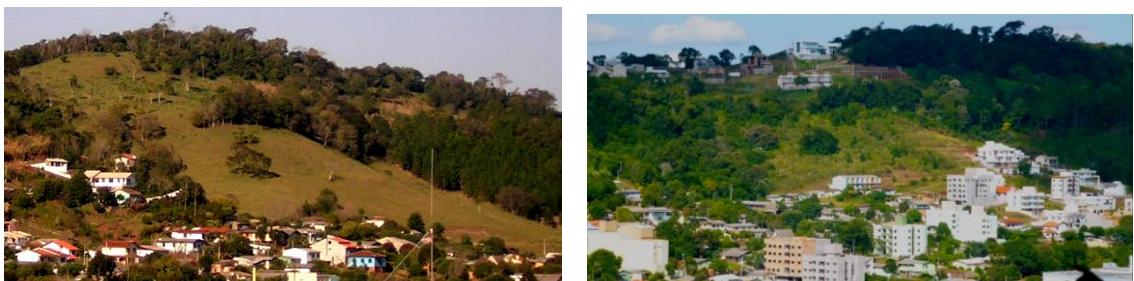
Figuras 11 e 12: Rio Marrecas, Francisco Beltrão-PR, anos 2012 e 2018. Fotos: Leandro Czerniaski; e Luiz. Fontes: Imprensa PMFB; e arquivo pessoal

Os alunos notam que as fotografias antigas já não podem mostrar as mesmas paisagens das fotografias de hoje, mesmo quando elas foram feitas nos mesmos locais e num período relativamente curto, e que existem processos dinâmicos atuando na transformação do espaço urbano, através de ações antrópicas ou da própria natureza.

Allan aluno do Ensino Médio, que analisou as fotografias nas Figuras 11 e 12, completou: “*O morro do Calvário desmatado nos anos 60, foi reflorestamento. Porque através de leis ambientais ou das pessoas, uma área pode ficar melhor do que era*”.

O aluno demonstra certo conhecimento nas leis ambientais municipais que protegem as áreas de encostas e na história deste local, o que também demonstra Kely, estudante de Licenciatura em Geografia, que analisou a mesma fotografia do Allan, observou que: “*o morro do Calvário já tinha sido desmatado em 1960 (talvez para fazerem uma lavoura de feijão ou milho) e hoje está bem arborizado, porque alguém reflorestou aquela área há muito tempo atrás, ou deixaram que a natureza a recuperasse*”. E finaliza com uma observação interessante, onde se percebe um conhecimento prévio da aluna sobre este assunto: “*geralmente é o contrário, fotos mais antigas de Beltrão mostram bastante área de mato, poucas construções, ruas e praças e as fotos mais recentes mostram a mesma área quase sem vegetação, com bastante infraestrutura e muitas construções*”.

As fotografias nas Figuras 13 e 14 mostram justamente isso: “*Ocorreu uma intensa construção de imóveis nos morros de Francisco Beltrão, mesmo existindo leis municipais que não permitem a construção nos topes dos morros*”, respondeu Naty, aluna da Pedagogia.



Figuras 13 e 14: Vista parcial do Bairro Industrial, Francisco Beltrão-PR, anos 2004 e 2018. Fotos: Freisleben e Naty. Fontes: arquivo pessoal.

Alguns alunos percebem as contradições que estão presentes no espaço urbano, de um lado leis municipais que proíbem construções em topes de morros ou em terrenos muito inclinados, do outro lado pressões de agentes imobiliários e construtoras que conseguem abrir novos loteamentos ou condomínios de luxo nestas áreas. No Zoneamento Municipal, encostas são Zonas de Proteção de Áreas Verdes e Zonas de Restrição da Ocupação, mas em muitas destas áreas estão sendo construídas residências.

Outros alunos que escolheram fotos de morros da cidade, se atentaram para o fato que na maioria das capitais brasileiras nos morros geralmente são erguidas as favelas, mas em Francisco Beltrão muitos morros são usados para construção de moradias de alto padrão.

Viane aluna do Ensino Médio percebeu isso: “*Em São Paulo ou Rio de Janeiro os morros estão cheios de favelas, aqui em Beltrão em muitos morros estão confortáveis e seguros condomínios da elite, com belas mansões*”. A aluna vê uma separação entre classes sociais em nossa cidade: “*grande parte dos ricos moram nos morros ou em prédios altos em bairros nobres perto do centro e os pobres em áreas ruins e muito longe do centro da cidade*”. Esta diferença de classes ficou bem clara nas fotografias feitas pelos alunos.

Na Tabela 4, a seguir, estão os apontamentos dos alunos sobre o mudou e o que permaneceu dos locais registrados em fotografias antigas e recentes.

Tabela 4: O que mudou, o que permaneceu, comparando fotografias antigas e recentes.

O que mudou	Alunos:	EM	LGEO	PED
Aumento do número de construções		3	6	3
Arquitetura das construções		2	3	2
Novas ruas, praças e parques		2	2	1
Aumento da população		2	1	1
Construções em topo de morros		1	2	2
Enchente		1	1	2
Mais reflorestamento/vegetação		2	1	1
Menos vegetação		1	2	1
Igreja maior/melhor		-	1	1
Construção de calçadão onde era uma avenida		-	2	1
Outras (aumento de carros, torre da igreja, terrenos mais caros, mais bairros)		1	1	1
Total (55)		16	23	16
O que permaneceu	Alunos:	EM	LGEO	PED
A arquitetura de algumas construções		5	8	6
Algumas ruas, praças		4	7	5
Áreas sujeitas a enchente		3	5	1
Vegetação em alguns morros		2	2	1
A fé, os fiéis, a religião		1	-	2
Outras (pureza do ar, construções nas margens de rios, a administração pública)		1	1	1
Total (55)		16	23	16

Fonte: pesquisa direta.

Aponte os problemas e sugira soluções para estes locais fotografados. Esta questão, tinha como objetivo que o aluno refletisse sobre problemas do passado e do presente do espaço urbano em que vive e que também apontasse alguma solução.

Os problemas urbanos visualizados nas fotos antigas e atuais mais citados pelos alunos foram organizados na Tabela 5.

Tabela 5: Principais problemas urbanos nos locais fotografados em épocas diferentes.

Problemas	Alunos:	EM	LGEO	PED
Residências construídas em topo de morro, margem de rio	4	6	4	
Desmoronamento/enchente	3	4	1	
Desmatamento/pouca arborização ma área urbana	3	4	3	
Pouco planejamento urbano e políticas públicas	1	3	3	
Trânsito caótico	1	1	-	
Violência/falta de segurança	1	2	1	
Outras (falta/excesso de população urbana, falta de fiscalização ambiental, ruas estreitas, falta de acessibilidade à cadeirantes/idosos	1	2	2	
Total (50*)	14	22	14	

* 5 alunos não encontraram nenhum problema retratado nas suas fotografias.

Fonte: Freisleben, 2018.

Conforme podemos constatar na Tabela 5, os maiores problemas urbanos enfrentados pela cidade de Francisco Beltrão e de outras da região Sudoeste do Paraná, são quase os mesmos da grande maioria das cidades brasileiras. O mais citado pelos alunos é o que se refere às residências construídas em terrenos irregulares ou inadequados (topos de morros, margens de rios). Este é um problema presente nas cidades do Sudoeste do Paraná, já que muitas estão em locais com muitos morros e rios, propícias a desastres naturais como desmoronamentos e inundações - que foi o segundo problema mais lembrado pelos alunos.

Nas fotografias apresentadas na Figura 16 vemos um novo condomínio construído em um morro.



Figuras 15 e 16: Vista parcial do Bairro Industrial, Francisco Beltrão-PR, anos 2011 e 2018. Fotos: Freisleben; e Lana. Fontes: arquivo pessoal.

Em seguida, vem as preocupações com o meio ambiente, como o desmatamento e a falta de arborização nas ruas das cidades. São problemas bem pertinentes, já que a cidade é quase toda cercada de morros, a retirada desta vegetação pode acarretar em assoreamento nos rios, desmoronamento e destruição da bela paisagem da cidade. Também por ser uma região de temperaturas altas no verão, a falta de árvores deixa a cidade ainda mais quente.

Os alunos também lembraram do caos no trânsito, o que é curioso já que nossa região é constituída na sua maioria por cidades consideradas pequenas. Exceto as cidades regionais de Francisco Beltrão, que possui 88.485 habitantes, e Pato Branco, com 80.710 habitantes, as quais, segundo as *Estimativas Populacionais para os Municípios 2017* do IBGE, estão no limiar de se tornarem cidades de médio porte. Mas os problemas do trânsito são bem conhecidos, como o excesso de veículos: 60.413 em Francisco Beltrão e 57.071 em Pato Branco (DETRAN-PR, 2018), o que, em horários de pico, acarreta lentidão no tráfego, congestionamentos, falta de estacionamento, atropelamentos e acidentes.

Também foi citada a falta de segurança e a violência urbana que começa a assustar a população das cidades menores. Todos estes problemas podem se resumir na falta de planejamento urbano e de políticas públicas adequadas (que também foi lembrado pelos alunos). A cada gestão os prefeitos da região se esforçam para implementar políticas públicas efetivas, mas parece não serem suficientes, frente às constantes demandas dos cidadãos.

Na questão de planejamento urbano, a prefeitura de Francisco Beltrão possui dentro da Secretaria de Planejamento, o IPPUB (Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Francisco Beltrão). Nos anos de 2016 e 2017, o instituto realizou audiências públicas e oficinas temáticas para revisar em conjunto com a população o Plano Diretor.

O planejamento não tem sido o problema, as dificuldades são a falta de estrutura (agentes, carros etc.) para fiscalização municipal, a baixa participação da comunidade e a pressão constante exercida por agentes imobiliários, comerciantes poderosos e por alguns políticos, que insistem em moldar a cidade de acordo com seus interesses.

Por tudo isso, tanto a participação ativa dos estudantes/cidadãos, como sugestões ou ideias de soluções para os problemas urbanos são sempre bem vindas.

Organizamos as soluções sugeridas pelos estudantes na Tabela 6. Apesar de algumas respostas serem semelhantes as da primeira parte da Atividade, outras foram bem singulares.

A Tabela 6 mostra que as sugestões dos alunos para os problemas urbanos de suas cidades são bem variadas. As mais lembradas são aquelas relacionadas às questões ambientais (o reflorestamento, a preservação ambiental), o que mostra que para estes alunos uma cidade com um meio ambiente bem preservado é uma das coisas mais importantes nos dias atuais. Na sequência aparece o planejamento urbano e as políticas públicas. De fato, tanto um planejamento urbano bem feito (que contemple todas as classes sociais, que seja pensado a longo prazo e colocado em prática), bem como políticas públicas eficientes, podem resolver muitos problemas urbanos atuais e futuros.

Tabela 6: Possíveis soluções para problemas apontados a partir de fotografias recentes e antigas.

Soluções	Alunos:	EM	LGEO	PED
Reflorestamento/preservação do meio ambiente		3	5	3
Planejamento urbano/ políticas públicas eficientes		-	4	2
Leis ambientais mais duras/fiscalização das construções em áreas de risco ou locais irregulares		4	4	3
Remover e realocar os moradores de áreas de risco		4	2	3
Estudos e obras de contenção de cheias/desmoronamentos		1	3	1
Transporte público de qualidade/ mais ciclovias		1	2	1
Outras (ruas mais largas, melhorar a segurança, melhorar a acessibilidade, educação ambiental)		1	2	1
Total (50*)		14	22	14

* 5 alunos não deram nenhuma sugestão de soluções (os mesmos que não encontraram problemas).

Fonte: pesquisa direta.

Leis ambientais mais duras e fiscalização das construções em áreas de risco ou em locais irregulares, também foram sugeridas. A legislação ambiental pode já ser dura o suficiente, o que sabemos é que a fiscalização não consegue dar conta de tanto trabalho (da noite para o dia surgem construções irregulares em áreas de risco, ou invasões), por isso seria preciso mais: fiscais, polícia ambiental e viaturas.

Realocar os moradores de áreas de risco também foi uma solução sugerida. Em 2013 a prefeitura de Francisco Beltrão transferiu 48 famílias de uma área de invasão, nas margens do Rio Marrecas, que constantemente é alagada. Mas existem muitas outras em pontos críticos do mesmo rio. A enchente é uma constante a cada dois ou três anos na cidade, e preocupa as autoridades, famílias ribeirinhas e comerciantes há mais de 50 anos, por isso um estudo e obras de contenção de cheias são oportunas.

Em Francisco Beltrão foi feito um estudo de contenção de cheias (mas foi pouco discutido com a comunidade) e o governo estadual disponibilizou 46,6 milhões de reais para as seguintes obras: um túnel de 1.300 metros de extensão (para escoar um volume maior de água, em um local em que ela tende a represar), aprofundamento do leito do Rio Marrecas e a construção de bacias de contenção a montante da cidade (JORNAL de BELTRÃO, 26/06/2018). Estas obras deverão minimizar e talvez acabar com os alagamentos em épocas de muita chuva, quando geralmente o Rio Marrecas sai do seu leito e represa outros rios e córregos que atravessam a cidade, provocando alagamentos.

Ainda foram citados: transporte público de qualidade, maior número de ciclovias, avenidas e ruas mais largas, melhorar a sinalização de trânsito, mais calçadões para os pedestres. Tudo isso ajudaria muito no problema do trânsito caótico das nossas cidades.

Outras sugestões como: melhorar a segurança no espaço urbano (algo que preocupa os moradores de praticamente todas as cidades brasileiras) e também a acessibilidade de pessoas idosas ou com alguma dificuldade de locomoção, também são importantes para uma cidade ter uma boa qualidade de vida e ser mais inclusiva.

No final da atividade perguntamos aos alunos: **se tratando de aprendizado, de 0 a 10 que nota você daria? Justifique.** As respostas serviram para o pesquisador ter um *feedback* sobre as atividades desenvolvidas. Se os alunos gostaram, se aprenderam algo, se será útil para eles futuramente (principalmente para os futuros professores) e também o que não deu certo e o que poderia ter sido melhor.

Tabela 7: Notas atribuídas pelos alunos para a atividade.

Notas	Alunos:	EM	LGEO	PED
10,0		6	8	6
9,0		6	8	5
8,0		4	7	3
7,0		-	-	1
6,0		-	-	1
Total (55)		16	23	16

Fonte: pesquisa direta.

Se considerarmos as notas da Tabela 7, a atividade foi importante para os estudantes, já que vinte alunos deram nota 10,0, dezenove alunos nota 9,0 e quatorze alunos, nota 8,0, totalizando a maioria (53 alunos), que deram notas entre 8,0 a 10,0.

Os alunos justificaram as suas notas de formas bem variadas. Para os que atribuíram notas 9,0 e 10,0, a atividade ajudou no exercício de reflexão e crítica sobre o espaço urbano das grandes cidades e naquele que convivemos diariamente e a “*entendermos as transformações que ocorreram na cidade ao longo dos anos*” (Elias).

Segundo estes alunos, a atividade também ajudou a: um maior conhecimento sobre fotografias em LD’s (o que não é muito comum o professor ensinar), a “*trabalharmos questões sociais e ambientais de cidades e as possíveis soluções*” (Jo), na formação do aluno, pois “*a atividade com fotografias é interessante para ser trabalhada em sala de aula futuramente*” (Luiz).

O aluno Gil também acredita que atividades como esta estimulem o trabalho com fotografias nas aulas de Geografia, “*pois muitas vezes elas não são analisadas ou estudadas com maior profundidade*”. Já para a aluna Angel, a atividade serviu para pensar vários aspectos interessantes das fotografias, principalmente em relação “*à fotografia como uma metodologia de ensino*”.

O uso de metodologias diferenciadas é sempre recomendado aos professores, principalmente aos de Geografia. O trabalho com fotografia é uma prática que estimula os alunos para a aprendizagem.

Gilbert o aluno da Licenciatura em Geografia que o único que respondeu não acreditar que as fotografias do LDG ajudem no aprendizado de Geografia, deu nota 10,0 para a atividade. Pode parecer contraditório o aluno não acreditar no potencial didático das fotografias do LDG, e dar nota máxima para a atividade que ele realizou. Para ele “*a atividade aumentou meu conhecimento e acrescentou na minha formação*”.

Mas talvez esteja aí o mais importante, pois para o aluno as fotos do LDG mostram superficialmente os problemas e são quase sempre fotos de cidades grandes e fora do Brasil. A proposta de atividades como a que realizamos pode complementar as limitações das fotografias dos LDG's, pois: mostram os problemas locais da cidade do aluno (que seriam posteriormente aprofundados pela análise das fotografias) e são fotografias de cidades pequenas (menos usadas nos LDG's) do nosso país. E o mais importante é que uma parte destas fotografias foi feita pelos próprios alunos, o que deixa a atividade mais desafiadora e participativa. Para Kaercher (2010):

Os alunos podem ter seu interesse aumentado pela disciplina desde que estimulados, ou seja, que se dê a eles condições de ver outros assuntos que não são só os tradicionais de livro didático, mas, sobretudo, proponham-lhes desafios, questões que os estimulem a sair da rotina. É provável que responderão a estes desafios com mais participação e ampliação dos seus horizontes geográficos (p. 105).

Para grande parte dos alunos que deram notas 8,0, a atividade contribuiu para o aprendizado e foi importante para se pensar (por meio das fotografias) nos problemas do país, mas também naqueles que acontecem na nossa região ou cidade, como: enchentes, desmoronamentos, especulação imobiliária, desmatamento etc.

Edo, aluno do 3º ano da Licenciatura em Geografia, acredita que “*foi uma boa atividade, pois nos fez pensar nos diferentes aspectos da região em que vivemos e como se organiza a nossa sociedade*”. Para Ane, aluna da Pedagogia, com esta atividade o aluno consegue fazer uma análise sobre diferentes lugares e “*perceber as transformações do espaço urbano de sua cidade*”.

As informações contidas nas fotos são importantes para o entendimento da configuração do espaço urbano. “A imagem ultrapassa o código da escrita e se instaura no seio do processo educativo, nos possibilitando ver e comparar como era o espaço e como se

tornou no decorrer dos tempos, pela mão do homem” (GARUTTI e LOPES, 2012, p. 04). As atividades buscam mostrar este dinamismo do espaço urbano e também aproximar o aluno da sua realidade, do seu cotidiano e isso faz com que o aprendizado seja mais participativo e efetivo.

As duas notas um pouco mais baixas, segundo as justificativas, foram porque: “*senti que não aprendi muito. Achei a atividade um pouco sem sentido neste momento da disciplina, ainda que tenha sido relevante para a pesquisa do doutorado. Nota 6,0*”, respondeu Jani, aluna do 4º ano de Pedagogia. A disciplina onde aplicamos a atividade foi a de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. Talvez pelo fato da turma estar estudando outros assuntos naquele momento, a atividade acabou “quebrando” um pouco o cronograma planejado para aquela disciplina.

A justificativa para nota 7,0, conforme Tati, também aluna do 4º ano de Pedagogia, foi porque “*para mim não ficou realmente claro o motivo de tal atividade. Acho que para utilizar de outra forma em sala com crianças seria bacana*”.

Também neste caso, pode ser que as atividades tenham sido percebidas por alguns alunos como algo muito diferente daquilo que vinha sendo visto em sala de aula, conforme relatou Marcy, aluna do 4º ano de Pedagogia: “*não lembro de ter feito alguma atividade semelhante em todo o curso, por isso achei interessante.*” – ou até com estranhamento, principalmente para os alunos que faltaram ou não prestaram atenção à aula, onde foi explicado o motivo e os procedimentos das atividades.

4 CONCLUSÕES

Evidenciamos que, mesmo numa atividade pensada para um público com uma idades relativamente próximas (entre 16 a 20 anos), apareceram diferenças consideráveis em grande parte das respostas dos alunos do Ensino Médio e dos Universitários.

As respostas dos alunos do 2º ano do Ensino Médio se concentraram mais na Geografia Física (rios, morros, enchentes, desmoronamentos, meio ambiente), não apresentavam uma grande diversificação, as idéias eram mais homogêneas.

Já as respostas dos alunos universitários foram bem menos baseadas na Geografia Física, os assuntos eram mais atuais e diversificados, as preocupações mais voltadas às questões sociais como: qualidade de vida, especulação imobiliária, transporte público, classes sociais, corrupção, pobreza, favelização, educação, planejamento urbano e políticas públicas. Foram respostas com mais qualidade e reflexão.

Chamou-nos a atenção o fato de algumas respostas dos alunos da Licenciatura em Geografia serem parecidas com as do Ensino Médio. Será que os alunos do curso superior não deveriam ter mais poder de análise do que os alunos do Ensino Médio?

Por outro lado, onde mais apareceram termos como: conceitos geográficos, espaço urbano, população, região, áreas de risco, logicamente que foi nas respostas dos alunos da Licenciatura em Geografia. O que demonstra certo grau de conhecimento destes temas pelos futuros professores. Já termos como: metodologias, educação, conhecimento, apareceram mais nas respostas dos alunos do 4º ano de Pedagogia.

Os alunos do 2º ano do Ensino Médio não lembraram dos conceitos geográficos e também termos como: especulação imobiliária, classes sociais, planejamento urbano e políticas públicas. E nas respostas sobre possíveis soluções para problemas espaço urbano das fotografias do LDG ou feitas por eles em suas cidades, se limitaram a soluções mais rápidas (remover os moradores de áreas de risco, obras de contenção de cheias, leis ambientais mais duras). Quase não vimos propostas de longo prazo ou educativas (reflorestamento, políticas públicas, planejamento urbano, educação ambiental). Isto é até compreensível, já que os mais jovens sempre buscam por soluções mais imediatistas (logo, menos planejadas/complexas) e ainda não têm a bagagem intelectual que os universitários possuem. Cremos que cabe à escola e às disciplinas desenvolverem leituras mais aprofundadas de mundo, mostrando aos alunos que não existem soluções rápidas ou milagrosas para fenômenos sociais complexos.

Mas mais do que respostas elaboradas sobre o espaço urbano e a reflexão sobre os problemas urbanos, o objetivo do trabalho era de dar oportunidade ao aluno de vivenciar a atividade. Acreditamos que o processo foi mais importante que as respostas. E as notas dadas para a atividade com fotografias comprovam que de alguma maneira, ela foi útil aos alunos. E também poderá ser útil futuramente àqueles que se dedicarão à docência, principalmente para aqueles que trabalharão com o ensino de Geografia.

ACTIVIDADES CON FOTOGRAFÍAS PARA DINAMIZAR LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA

RESUMEN

Este trabajo busca una reflexión sobre cómo las actividades con fotografías pueden auxiliar en la enseñanza de Geografía. En 2018, en la investigación de campo para tesis de doctorado, desarrollamos actividades de análisis de fotografías (de los libros didácticos de Geografía, de Internet y hechas por los estudiantes), buscando comprender cómo ellas podrían estimular al estudiante la reflexión sobre las dinámicas y procesos que moldean el espacio urbano. Las actividades se realizaron con 55 estudiantes de la red pública de enseñanza del estado de Paraná (Enseñanza Media y Universitaria). Las fotografías son un importante recurso para el profesor en la construcción de los conceptos geográficos, posibilitando a los alumnos ser actores de la transformación social en la escuela y en el espacio geográfico de sus ciudades. Por lo tanto es imprescindible que el profesor de Geografía acerque al alumno de enfoques didácticos que utilicen fotografías, para que la curiosidad y la reflexión puedan manifestarse y transformarse en conocimiento geográfico.

Palabras clave: Fotografía. Libro didáctico. Espacio urbano. Enseñanza de Geografía.

REFERÊNCIAS

COSTA, Luciano B. da. **Imagen dialética e imagem crítica:** fotografia e percepção na metrópole moderna e contemporânea. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2010.

DETRAN-PR. **Estatísticas de Trânsito - Frota de veículos por Tipo e Município 2018.** Disponível em: <<http://www.detran.pr.gov.br/modules/catasg/servicos-detalhes.php?tema=transitoseguro&id=638>>. Acesso 12 de jul. 2018.

GARUTTI, Sandra L. P. S.; LOPES, C. S. **O uso da fotografia no ensino da geografia e a transformação do espaço geográfico.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uem_gero_artigo_sandra_lucia_prudencio_santana.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

JORNAL DE BELTRÃO. **Governo libera mais 16 milhões para o projeto de contenção das enchentes.** 26 de junho, 2018. Disponível em: <<http://www.jornaldebeltrao.com.br/noticia/276096/governo-do-parana-libera-mais-r-16milhoes-para-o-projeto-de-contencao-das-enchentes>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

KAERCHER, Nestor A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia.** 4.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

_____. Os movimentos que meus mestres me ensinam: DDD's, signos, alimentos, escadas, luzes, grenais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; TONINI, Ivaine M.; KAERCHER, Nestor A. (orgs.). **Movimentos no ensinar geografia.** Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso-Lugar-Cultura, 2013.

SANTOS, Eliete M.. A produção do espaço urbano e a imagem da cidade pelo migrante jovem. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.8, n. 24, p. 33-45, Dez./2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/issue/view/757>>. Acesso em: 2 out. 2017.

THEVES, Denise W. **Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne:** Geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências. Porto Alegre, 2018.

TONINI, Ivaine M. **Imagens nos livros didáticos de Geografia:** seus ensinamentos, sua pedagogia. **Mercator**, ano 2, n. 4, 2003.

Recebido para avaliação em 05/09/2018.
Aceito em 23/01/2019.